

Caminhos de Sangue

de Camilo Pellegrini

Personagens:

Vermelha

Adenaura

Lobo Mau

Policial

Vermelha sozinha no palco. Carrega uma enorme cesta de piquenique.

V- Ah!!!... Que lindo dia para caminhar, atravessar a escuridão e quem sabe não se perder por aí. (Pausa.) Não estou contrariada! De jeito nenhum! Irritada eu? Ora veja! Que nada. Adoro caminhar léguas e léguas em direção a lugar nenhum! Adoro vagar o mundo com minhas próprias pernas sem ajuda alguma! Sem auxílio! Atirada na rua! Jogada porta a fora com uma cesta de cinco quilos nos braços! Porta a fora como uma estranha! Ah, mas é claro. Alguém deve levar o suprimento à anciã convalescida. Quem alimentaria a moribunda? Quem? Minha mãe não pode... e eu sim! Ela está lá dentro, azeda, e eu aqui fora, livre! Que apodreça mocréia asquerosa! Morra mãe invejosa e amarga. Presa a esta casa, pra você não há estradas e eu viajo, corro! Aceito a cesta com a submissão usual. “Claro, mamãe, não é trabalho algum! Claro mamãe, levo esta cesta com muito gosto!” Porca! Será que não percebe? Será que não quer ver? Mulher cega e vingativa! Não, porque faz por vingança, ódio mesmo! Me detesta a vadia e me quer longe dela! Pois a essa casa não voltarei nunca mais!!! Mas isso é coisa minha, ela não sabe. Se soubesse, não permitiria, me trancaria aí com ela para que secássemos juntas, não pode suportar me ver assim tão forte, viva! Me olha, sabe, e me aperta as bochechas. “Que bochechas vermelhas! Chega a ser indecente essa bochecha!” Queria decerto que tivesse a cara amarela dela. Os anos rasgando a cara em vários talhos e lhe roubando a cor. Quando eu nasci, metade de seu sangue se foi, a outra metade tomei pra mim. Já não lhe resta nada, pobre mulher. Tudo que sobrou foi a cara amarela. Roubei-lhe as economias todas! Ela botava o rolo de dinheiro dentro do pote de biscoito na prateleira mais alta da cozinha pra eu não alcançar! Pois agora alcanço, minha filha! Peguei tudo! (Mostra o dinheiro, uma grande quantia, está escondido na cesta.) O dinheiro ela guardava pruma cirurgia de varizes! Pois eu quero mais é que as pernas dela afundem no chão dessa casa, as veias verdes como raízes entrando por baixo das tábuas. Ela plantada na sala amarela da casa dela, a árvore sombria que ela sempre foi. Adeus mamãe! Um beijo! Sou uma fugitiva agora! Fujo de você, mamãe! Não vai me ver nunca mais.

No talk-show de Adenaura. Ela entrevista o Lobo:

A- Então o senhorito já foi jogador de futebol?

L (Garboso.)- Isso foi há muito tempo atrás.

A- Mas que nada! Parece que foi ontem!

L- Já pendurei as chuteiras.

A- E modelo também?

L- Eu não desfilo há muito tempo.

A- Mas eu te vi no carnaval, todo douradinho em cima de um carro E-NOR-ME!

L- Digo... profissionalmente.

A- Ah... Sei... e vem cá... Esse negócio de patê de fígado tá dando certo?

L- Indo de vento em popa!

A- Que bom!

L- Estamos expandindo! Somos o melhor patê de fígado do Brasil!

A- Eu mesma experimentei o patê do Lobo Mau e devo confessar que é um verdadeiro sonho!

L- Gentileza sua.

A- É realmente um primor!

L- Eu sei. Eu sei. É o melhor sem dúvida. Temos condições de competir no mercado mundial.

A- Estou recebendo muitos e-mails perguntando... são fãs ardorosas que querem saber quando vão te ver de novo na novela.

L- Dei uma brecada na carreira de ator.

A- Sei.

L- Não dá pra ter tudo na vida.

A- A gente até que tenta!

L- Estou me dedicando mesmo à fabrica.

A- Essa de patê.

L- Não tenho outra.

A- E deve consumir seu tempo administrar uma empresa desse porte.

L- Completamente.

A- Mas que intrigante. Um homem como você, com tantas coisas aos seus pés, convites para filmes, novelas, desfiles internacionais, até a copa do mundo você deixou pra trás pra se dedicar exclusivamente à fábrica de patê de fígado que leva o seu nome. Algum arrependimento, Lobo Mal?

L- De jeito nenhum. Quando fecho os olhos, só penso em fígado. Sou um homem realizado!

A- Que lindo! Nós conversamos aqui com Lobo Mal! Um homem realizado e também o solteiro mais cobiçado do momento! (Aplausos gravados. As câmeras se desligam, a luz agora é mais suave. Adenaura de mal humor.) Ah, que calor!

L- Você acha que ficou bom?

A- Ótimo... ficou ótimo... Muito obrigada pela entrevista, viu?

L- Eu é que agradeço.

A (Preso no fio do microfone.)- Ai! Tô presa! Alguém me ajuda aqui?

L- O que houve?

A- Tô toda enrolada! Cadê o puto que me botou esse microfone?

L (ajudando-a.)- Espera. Acho que tá preso aqui embaixo.

A- Ai! Cuidado com o meu cabelo. Cuidado! Ai! Você tá me enforcando!!! Socorro!!!

L- Espera. Quieta! Fica calma. (Enfia a mão por dentro da blusa de Adenaura, o que cria uma atmosfera de romance entre os dois. Lobo consegue remover o incômodo microfone de lapela.) Pronto.

A (Ruborizada.)- Obrigada.

L (Mostra o microfone.) Tão pequeno...

A- E tão perigoso.

L- Agora o perigo já passou.

A- E você estava aqui pra me proteger.

L- Você gostaria...?

A (Mostra o pescoço.)- Ficou marca?

L- Só um pouco vermelho.

A- Ai, Meu Deus. Espero que ninguém pense besteira!

L- Você gostaria...?

A- Vou ter que usar gola rolê.

L- De tomar um drink?

A- O quê???

L- Um drink ou quem sabe um jantar.

A (Sôfrega.)- Um... drink... ou... jantar...?

L- Quem sabe então um picolé?

A- Não. Picolé não, obrigada.

L- Então o drink?

A- Não sei se devo...

L- Me dê uma chance de tornar sua tarde agradável.

A (Ri nervosa.)- Minha tarde já está agradável... É. Está uma tarde tão bonita!

L- A noite vai ser linda. Lua cheia.

A- E tão quente. Esse ar condicionado tá ligado?

L- É você que está quente.

A- Você está tentando, por acaso...

L- O quê?

A- Você está me paquerando?

L- Eu...? E se estiver?

A- Eu sou uma senhora já de certa idade.

L- E eu não sou nenhum garotinho.

A- Sim, mas o tempo é mais cruel com as mulheres.

L- Felizmente ele não te alcançou.

A- Eu sou mais velha do que pareço.

L (Cafona.)- Você é mais bonita do que pensa.

A- Há coisas a meu respeito... que nunca contei a ninguém.

L- A única coisa que eu quero saber é o teu telefone.

A- Você não sabe quem eu sou realmente.

L- Imagina! Todo mundo sabe quem você é! Adenaura, a apresentadora mais querida do Brasil!

A (A parte.)- Ninguém sabe minha verdadeira identidade. O fardo do meu passado eu carrego sozinha.

L- E ouça bem, quando eu me aproximo assim, quando pego assim na mão de alguém... eu sei o que quero e sei que é você. (Calhorda.) Cala essa boquinha linda e me beija.

A- Você está completamente louco! Afaste-se! As pessoas estão olhando!

L- Não tem ninguém vendo.

A- O câmara! Ele fica olhando!

L- Não foge de mim.

A- Essa gente não presta. Você nem sabe o que eu passo nessa emissora! Coisas terríveis! Gentinha horrorosa! Não chegue tão perto por favor.

L- Me desculpe. Não quero parecer rude.

A- Afaste-se. Me humilhei muito, meu querido, mas agora eles não podem mais me tirar daqui. Agora eu sou rica! Rica!!! Mas eles não descansam, heim! Se você pensa que descansam, está muito enganado! Estão esperando eu me distrair os predadores, me observam dia e noite! Plantam escutas nos restaurantes que frequento, investigam as pessoas que eu encontro, querem me destruir! Mas a minha casa eles não vão encontrar jamais!

L- Você tem medo de mim.

A- Há! Ridículo! Eu não tenho medo de você.

L- Tem medo de mim.

A- Meu amor, eu tenho medo de muita coisa, mas de você eu não tenho.

L- Então porque não me beija? Me beija então?

A- Ora... Porque... Porque eu não quero, ora essa. Não te beijo porque... não quero, é isso. Pronto. Não quero.

L- Você tá mentindo.

A- Você não me chama de mentirosa que eu não gosto!

L- Me desculpa, Adenaura.

A- Não sou mentirosa!... Bem, as vezes eu omito algumas coisas, mas mentirosa nunca! Odeio mentira. Me fere profundamente.

L- A última coisa que eu quero é te ferir.

A- E esconder algumas informações sobre a sua vida pode ser a única alternativa para uma celebridade. Faço isso pra ter um mínimo de privacidade.

L- Perfeitamente aceitável.

A (Para um operador de câmera imaginário.)- Tá olhando o quê? Tá olhando o quê?

L- Calma, Adenaura.

A- Te parto a cara, heim rapaz. Você não me conhece!!!

L- Calma.

A- Qual é o teu nome??? Eu tô falando com você, ô meu chapa! O teu nome??? É surdo???

L- Não precisa disso.

A (ao telefone.)- É Adenaura quem tá falando, eu quero o tal de Joaquim que opera a câmera três na rua, tá me ouvindo. Rua!!! O quanto antes. Chame os seguranças e some com esse homem da minha frente!

L- Ele nem estava olhando.

A (Para o Joaquim imaginário.)- Cadê o sorrisinho de canto de boca agora? Eu também sei rir com o canto da minha boca! Ririri! Tá vendo! Ririri! Agora desapareça! (Louca.) Demitido!!!

L- Calma. Ele já foi. Todos já foram, estamos sozinhos agora.

A (Pega o celular novamente, disca frenética.)- Isso não vai ficar assim!!!

L- Calma, por favor! Vai quebrar o aparelho.

A- Alô??? Oi Venceslau! É Adenaura, querido. Oi, amor. Vou indo. Escuta, um servicinho pra você. Tem um cara que vai sair da emissora daqui a pouco. Chama Joaquim. Um elemento perigoso. (Frisa.) Quero que seja limpo e rápido. Você pode cuidar pra mim? Ah, sei lá, desova em qualquer lugar, não me importa, mas que esteja morto mesmo, confere duas vezes, faz favor. E quero que você faça, não vai passar o trabalho praquela merda daquele nordestino... Porque o merda do nordestino sempre se envolve com o serviço e da outra vez foi um inferno! Te pago amanhã. O de sempre. Beijo. (Desliga o celular. Começa a chorar.) Como as pessoas podem ser tão desumanas? Olha o que me obrigam a fazer. Esse mundo não tem mais jeito não.

L- Toma o lenço.

A- Brigada. Minha avó dizia: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” Lucas, versículo 10, parágrafo 27. Ainda bem que nem ela nem o Lucas viveram pra me ver nesse estado.

L- Senta um pouco.

A- Tô bem de pé.

L- Melhor sentar.

A- As pessoas só pensam em si mesmas.

L- Você é querida pelo Brasil inteiro.

A (Agressiva.)- Pois eu quero muito mais! Eu quero ser amada!

L- Eu te amo!

A- O quê? O quê disse?

L- Eu te amo Adenaura, desde a primeira vez que te vi!

(Pausa. Adenaura o olha atentamente.)

A (Muito doce. Confusa.)- Por que você está fazendo isso? É pra me destruir? É meu status? Meu dinheiro?

L- Vem aqui! (Agarra ela.)

A- Pare! Por favor! Deve ter alguém olhando!

L- Quieta! Ou aparece alguém.

A- Eu tenho medo! Eu tenho muito medo!

L- Confie em mim. Eu nunca vou te machucar. (Se beijam.)

De volta a Vermelha, que caminha alegre pelo campo.

V (Muito cansada e mal humorada.)- Pela estrada a fora eu vou bem sozinha, levar esses doces para a vovozinha... (Vê a cidade ao longe.) A cidade! E seus prédios roliços e enormes! Prédios cheios de esperma. O que é a humanidade senão uma poça de esperma que cada vez aumenta mais... Ai, ai... como é gostoso filosofar de vez em quando. (Chega um policial.)

P- Quem é você???

V (assustada.)- Oi?

P- Mãos pra cima!!!

V- O que é isso?

P- Quem é você?

V- Olha, eu não sou daqui, estou só de passagem. (Policial a revista.) Ai! Cócegas!!! Nas zonas herógenas não, porra!

P- Mãos pra cima!!!

V- Pronto! Estão aqui em cima, vê? Em cima.

P- Quem é você???

V- O meu nome é Ver... Ver... Verônica

P- Verônica?

P- Verônica

P- Idade?

V- Dezesseis.

P- Profissão?

V- Donzela virginal levando doces para a vovó.

P- E qual é o seu hobbie?

V- O meu hobbie?

P- Isso.

V- Er... (pensa.) Eu adoro crochê! Você gosta!

P (Revoltado.)- Que é isso! Isso é coisa de invertido! Invertido! Invertido!

V- Nossa!

P- Coisa de invertido!

V- Comentário ridículo!

P- Eu não sou invertido.

V- Sei. Nem eu...

P (Profundamente revoltado.)- Por que se não fossem esses invertidos o mundo não tava invertido do jeito que tá! Açam que podem sair por aí esfregando os pêlos (imagina...) com os pêlos do outro que também quer esfregar seus pêlos do peito forte no peito do outro rapaz de coxas grossas e também cheias de pêlo da virilha ao calcanhar... (Subitamente.) O peito do pé não! O peito do pé de alguns é liso, macio. Já outros... Muitos outros... tem peito de pé cheio de pêlos.

V (Curiosa.)- Nunca vi um pé cheio de pêlos.

P- Alguns são lisos inteiros, parecem mocinhas. Mas outros, os piores, tem pêlos pelo corpo inteiro, no pescoço, se enroscam nos pêlos do outro. Beijando o bigode com o bigode dele!

V (Curiosa.)- Nunca beijei um bigode.

P (Desiludido.)- Nunca beijei um bigode também... (Volta a si.) Eu não sou invertido! Quer calar essa boca?

V- Fique sabendo que tenho apreço pelos gays.

P- Eu sou autoridade!

V- Viva os direitos dos homossexuais!!!

P (Violento. Puxa a arma.)- Cala essa boca agora!!!

V- Oi?

P- Quieta! Eu sou autoridade!!! Tem que obedecer a autoridade.

V- Tô quieta.

P- Muito bem. (Fala num rádio acoplado à roupa.) Ô Venceslau, tá na escuta? Tô aqui com um elemento, qualquer coisa peço pra tu mandar os reforço.

V- Reforços.

P- Falou o quê??

V- Qualquer coisa eu peço para tu mandares os reforços.

P- Cala essa boca grande. Eu sou autoridade.

V- Vira essa arma pra lá.

P- É pra calar a boca! Ô surda!

V- Calei! Pronto. Tô calada.

P- Pro seu bem!

V- Se o senhor diz, quem sou eu pra...

P- Pois digo e repito.

V- O senhor é que manda.

P- Eu é que mando.

V- O senhor tá no comando.

P- Tô no comando.

V- O senhor é inteligente.

P- Eu sô autoridade.

V- O senhor é uma autoridade.

P- Eu tenho o controle.

V- Autoridade que tem controle.

P- Tu faz tudo o que eu quiser.

V- Eu faço o que o senhor quiser.

P- Eu sou o chefe.

V- Eu obedeço o senhor.

P- Tu faz tudo o que eu quiser.

(Pausa.)

V (A parte.)- Sinto que estou em perigo! (Para o policial, solícita.) O que o senhor quer exatamente que eu faça?

(Pausa.)

P (Lascivo.)- Eu quero ver o que tem dentro aí da tua cesta.

V (A parte. Desesperada.)- Estou perdida! Ele descobrirá meu dinheiro roubado, minha trouxinha de maconha, meus cds piratas da Maria Bethânia e meu xampu do Paraguai!!!

P- Abra a cesta!

V- Não aponta isso pra mim!

P- O que é que tem dentro da cesta?

V- Não tem nada! Doces pra vovó!

P- Deixa eu ver!

V- Nunca! Você não tem o direito!

P- Abra!!!

V- E quem é você pra me dar ordens, seu...

P- Eu sou autoridade, minha filha. Já te disse isso antes.

V- Porque o senhor está fazendo isso comigo? Eu não fiz nada, meu Deus!

P- Tu é suspeita de assassinato, ô garota.

V- Assassinato!!! Eu???

P- Estamos procurando uma tal de Vermelha... conhece???

V- Eu disse Verônica!

P- Uma fugitiva, ladra e assassina!

V- O meu nome é Verônica!

P- Eu vou chamar o Venceslau!

V- Eu não sou Vermelha!!! Nem sei quem é essa moça!

P- Uma bela duma assassina é o que ela é!

V- Não chame ninguém, por favor! Eu prometo... prometo ajudar no que puder.

P- Você conhece Vermelha?

V- Já disse que não! Nunca ouvi falar!

P- Então vai me ajudar como, senhorita? A única maneira de me ajudar é se você mesma fosse a assassina-ladra em pessoa.

V- Não sou. Me desculpe... Mas matou quem a Vermelha, essa aí.

P- A própria mãe. Enforcou-a no meio da sala.

V- Não!!!

P- Sim! A mulherzinha amarela seca, mas seca igual uma ameixa, pendurada no lustre.

V (Desnorteada.)- Meu Deus!

P- A língua amarela pra fora, enorme, que língua grande ela tinha... parecendo um... parecia... (Imagina.) Ah, deixa pra lá.

V- Ela nunca faria isso.

P (Distraído.)- E o cabelo, desgrenhado e todo enroscado na corda e na língua grande, pingando baba, coisa horrível de se ver. Pintou o cabelo de amarelo, coitada, dava de ver a raiz. Não combinou com ela a cor. Fico pensando. Tem mulher por aí que não tem vaidade mesmo, né?

V- Se enforcou.

P- Mas deixou bilhete! Está aqui. (Lê o bilhete com alguma dificuldade.) “Vermelha, sua imunda.” (Explica.) Essa Vermelha é a filha. (Prossegue.) “É você que me mata agora com seu egoísmo sem fim. Você e sua avó se merecem. Você queria é ser filha dela. Ladra. Cadela no cio. É homem que você vai comprar com o meu dinheiro que você roubou?” Não consigo entender essa parte. Caiu baba da falecida e borrou a tinta. Mas aqui embaixo tem mais. “Sua avó não vai morrer ainda, se não morreu até agora. Esperei anos pela notícia. Talvez não morra nunca. Mas você. Presta atenção, minha filha, você já está quase morta. Quase morta” Ela repete isso várias vezes “Quase morta. Quase morta. Te espero debaixo da terra onde você voltará pro meu colo novamente. Te amo. Mamãe.”

V (Enlouquecida.)- Eu tô viva, ouviu??? Viva!!! Olha aqui! Viva!!!

P- Verônica? Você está bem?

V(Enxuga os olhos e ri.)- Eu tô ótima.

P- Você está chorando?

V- Não.

P (Desconfiado.)- Deixa eu ver seus olhos.

V- Foi um cisco. Uma irritação.

P- Toma um lenço.

V- Obrigada.

P- Agora encontrar essa terrível criminosa.

V- Mas ela não matou a mãe, foi suicídio.

P- Não venha tentar defender, Verônica.

V- Eu tenho que ir, não tô passando bem.

P- Adeus Verônica. Foi um prazer conhecê-la. (Vermelha vai saindo. Ele aponta a arma para ela de repente.) Espera!!! Eu quero ver o que tem na cesta. Você é uma menina muito suspeita. Age de maneira estranha. Mostra a cesta e aí sim pode ir embora. (Vermelha coloca a cesta no chão e se afasta receosa. O policial revista a cesta. Olha para Vermelha abismado.) O que é isso aqui??? Como você tem coragem???

V- Por favor, me deixe ir!

P- Revista de homem pelado! Quantos anos você tem, minha filha?

V- Eu achei na rua. Nem é minha. Eu ia jogar no lixo!

P (Folheia a revista com curiosidade.)- Que coisa horrível esse bando de macho suado. Isso é proibido pra menores! Você pode ir pra cadeia, sabia? Quantos anos você tem mesmo?

V- É de uma amiga minha! Ela botou aí sem eu ver.

P- É terrível, terrível. O que essas fotos grotescas não devem ter feito à sua cabecinha, meu Deus. Esses homens enormes. E esse aqui tomando banho, que coisa

horrível, todo ensaboado. E esse! Não é aquele cantor de pagode? É ele mesmo! Todo suado ele também. Terrível. Não tem jeito. Vou ter que ficar com isso aqui. (O policial não tira os olhos da revista. Vermelha se esgueira por trás dele e o acerta na cabeça com uma pedra. O policial cai.)

V (Novelesca.)- Me desculpa. Me desculpa. Eu não posso ir presa agora. Tenho que encontrar minha avó, é a única parente que me resta. Ela precisa saber que mamãe está morta.

Restaurante muito chique. Lobo e Adenaura jantam juntos.

L- Que noite especial! Você é uma mulher maravilhosa Adenaura. E linda. Você é linda.

A (Ri encabulada.)- Para, por favor. Tá me deixando sem graça de novo.

L- O que eu posso fazer? Tenho que dizer a verdade.

A- Eu... talvez seja o momento... Talvez eu tenha que te dizer umas verdades também.

L- Do que você está falando?

A- O meu passado é conturbado... Há coisas sobre mim que nem você, nem a imprensa, nem ninguém sabe.

L- Pode confiar em mim, meu amor.

A- Bem... Eu tenho uma filha. É isso.

L- Uma filha??? Mas... eu nunca iria imaginar.

A-. Nem você nem o Brasil inteiro, meu querido.

L- E onde ela está que ninguém nunca viu?

A- Nós não nos falamos há dez anos. Ela me odeia. Na verdade, a existência dela é insignificante, mas eu precisava contar a alguém. Há dez anos carregando este e outros segredos comigo.

L- Pode contar tudo. Eu quero que confie em mim.

A- Um segredo por vez! Bom, resumindo, eu morava numa pequena cidadezinha do interior, casei e tive trigêmeas. Logo em seguida, fui abandonada por meu marido que fugiu com a vendedora de churros da cidadezinha. Sofri muito, sozinha com minhas três filhas, elas cresceram me odiando, me culpavam pela fuga do pai, achavam que eu nunca tinha me casado de verdade, que eu era uma vadia mentirosa. Duas das minhas filhas morreram num acidente bobo envolvendo um trator desgovernado, por sorte eu havia feito seguro de vida para elas. Não agüentando a companhia e as constantes acusações de minha terceira filha, a mais cruel de todas, peguei todo o dinheiro do seguro e fugi para a cidade grande... e aqui estou.

L- Que história fascinante!

A- Você tem que me prometer que ninguém saberá da existência dessa minha filha. Eu não quero vê-la de maneira alguma.

L- Prometo.

A- Obrigada.

L- Adenaura, estar aqui contigo é extremamente agradável, eu nem sinto o tempo passar, nem percebi anoitecendo, estamos conversando há horas.

A- É verdade.

L- É como se nos conhecêssemos há anos.

A- É sim

L (Subitamente tenso.)- Que horas são, aliás???

A- Deixa ver... Dez pra meia noite! (a parte.) Oh não!!!

L (A parte.)- Oh Não!!!

A (A parte.)- Se eu não passar meus cremes de beleza em dez minutos minha idade verdadeira me atingirá como uma machadada na cabeça!!!

L (A parte.)- Se eu não comer fígado humano em dez minutos me transformarei na minha verdadeira e odiosa forma predadora!!!

A (A parte. Examina a bolsa com alegria.)- Graças a Deus trago sempre comigo minha *nécessaire*! Tenho aqui tudo o que preciso! (Para o Lobo.) Você me dá licença um instantinho, vou ao toalete. (Ela sai apressada.)

L (Olha as próprias mãos, elas já estão com garras. Declama como num filme de terror dos anos 50.)- Eu preciso de sangue. A noite toma conta do meu corpo encharcando a minha roupa com suor de lobo. Os pêlos de lobo crescem lentamente e esquentam meu corpo quente por baixo do meu Armani. É nessas horas que me dá uma vontade de esquecer a minha nobre educação e comer todo mundo nesse restaurante, os garçons, fregueses, cozinheira... Não! A cozinheira não. Gorda e gordurenta, a cara cheia de sebo das frituras de um dia inteiro com a cara no fogão. (Procura com o olhar.) E o garçom simpático? Não sei, não deve ter gosto de nada, sem sal, e muito magro, sem bunda, pele e osso esse garçom. Onde estava aquela do peitão, aquelas duas tetas de respeito, mordida macia... Foi embora já, eu acho. Poxa, não queria comer a Adenaura ainda, não assim logo no primeiro encontro.

A (Volta do banheiro com o rosto todo lambuzado num creme azul. Como se nada tivesse acontecendo.)- Desculpe a demora.

L (Nervoso.)- Não, que é isso. Eu também tenho que ir. Com licença. (Sai.)

A (Para si mesma em êxtase.)- Vai creminho, come a minha pele. Transforma minha pele em plástico, meu sangue em mercúrio-cromo, minhas carnes sintéticas para sempre eternas. Eu quero ser de petróleo, velha como os dinossauros e bela. Mais do que conservada, refeita.

L (Volta com a cara toda lambuzada de sangue.)- Ai, que delícia!

A- O quê?

L- Estar aqui contigo. Eu te amo Adenaura. Eu te amo.

A- Eu também te amo, Lobo Mau.

L- Acho melhor irmos embora.

A- Você é que sabe.

De volta a Vermelha

V (Novelesca.)- Me desculpa. Me desculpa. Eu não posso ir presa agora. Tenho que encontrar minha avó, é a única parente que me resta. Ela precisa saber que mamãe

está morta. (Olha para o policial. No lugar dele há uma espécie de casulo escuro.)
Meu Deus! O que é isso? O que houve com ele?

Com uma música e iluminação apocalípticas, o casulo se abre lentamente e de dentro dele sai a borboleta. Além das enormes asas coloridas e da sunguinha preta possui algumas características do policial, talvez as botas, os óculos escuros e o chapéu.

B- Livre! Livre!!!

V- Mas quem é você???

B- Eu sou a leveza! A resolução! O bem-estar!!!

V- Policial... é o senhor?

B- Sim, sou eu... e agora sou muito mais eu!

V (Largando a pedra.)- O que eu fiz? Me desculpa, por favor.

B- Eu tenho é que te agradecer! A vida tem que nos dar uma porrada pra deixamos de ser criaturas rastejantes. E as vezes a porrada nunca vem. Mas felizmente você estava aqui para me porrar! Obrigado! Muito obrigado!

V- De nada.

B- Foi essa pequena pedra que arrancou de mim a crosta que me impedia de respirar, de sorrir, de ser feliz. Estarei para sempre em débito contigo. (Olhando ao redor.) Eu estou estupefato! Tudo é tão mais colorido, e ao mesmo tempo tão mais simples! Porque eu me recusava a enxergar? Porquê?

V- O senhor está bem mais colorido mesmo. E mais corado.

B- Por favor, queridinha, senhor está no céu. (Olha para o céu.) Será? (Olha de novo. Procura.) Sempre me disseram que sim. (Cutuca o resto do casulo com o pé.) Mas me disseram tantas coisas... Porque não fui fulminado? Porque meu coração está cheio de paz? Porque o inferno agora parece tão distante e improvável? (Olha para o céu novamente.) Vou ter que voar até lá para saber. O importante é que agora eu posso voar se eu quiser. E eu quero.

V- Eu fico feliz em ter ajudado, mas escuta, eu vou indo.

B- Não! Espera!

V- O quê?

B- Você não pode ir embora assim!

V- Eu tenho muito o que fazer. Me deixe ir, por favor. Eu não fiz nada. Não matei ninguém.

B- Eu preciso te ajudar de alguma forma. Pode contar comigo para o que for preciso.

V- Me ajudar?

B- Você me salvou, me guiou por um árduo caminho onde finalmente encontrei a mim mesmo. Eu serei sua fada madrinha!!!

V- Olha, eu realmente tenho que ir...

B- Qual o seu signo?

V- Perdão?

B- O seu signo, minha filha. Sabe o signo?

V- Er... Virgem?

B- Sabia!!! Típico.

V- O quê?

B- Típico, essa sua atitude. Sabia já. E o ascendente? Sabe a lua?

V- Olha, eu tô perdendo um tempo precioso. Fico contente que você tenha encontrado seu verdadeiro eu mas eu preciso ir andando.

B- Pra quê, minha nossa senhora! Que pressa é essa?

V- Tenho que encontrar a minha avó.

B- Não.

V- Como não?

B (Misterioso.)- Não é esse o motivo da tua ansiedade. Eu vejo nos teus olhos.

V- E quem é você pra...

B- Eu sinto. Há uma outra razão, uma razão maior que te arrasta por esses caminhos.

V (Irônica.)- Uma outra razão?

B- E sem cinismo, por favor, meu doce. Não seja como eu fui, que me enganei por tanto tempo. Seja sincera consigo mesma. Vamos. Tente.

V- É verdade... Há uma razão... É ridículo... eu amo um homem que ainda não conheço. O cheiro dele veio da cidade, atravessou essa mesma estrada e chegou na minha casa empestando tudo, os lençóis, o meu cabelo. O cheiro me dava uma coceira pelo corpo, minha pele ficava vermelha e minha mãe se enchia de asco. Olhava pra mim com um asco. Odiava todas as mulheres, coitada, e odiava mais as mais belas. Minha avó era belíssima e mamãe nasceu feia e amarela. Agora percebo claramente. Foi o cheiro que começou tudo e é ele que eu procuro. Fugi e agora mamãe está morta. Eu não tenho mais escolha, encontrar a minha avó e caçar o homem do cheiro forte.

B (Premonitório.)- Você vai encontrá-lo!

V- Será?

B- Vai, minha menina! Vai sim! Eu sei. Eu sinto.

V- Que bom! Não vejo a hora!

B- Mas com essa roupa...

V- O que foi?

B- Não tem nada melhorzinho?

V- Tô muito suja?

B- Com esse modelito não vai dar não.

V- Poxa vida.

B (Cheira ela e faz uma cara de reprovação.)- Assim, o homem do cheiro forte é que vai encontrar você.

V- O que eu faço?

B- Mas sua fada madrinha está aqui pra te ajudar! Feche os olhos.

Adenaura e Lobo num quarto de hotel muito chique. Se agarram até que Adenaura o empurra bruscamente.

A- Para! Espera! Eu preciso te dizer uma coisa.

L- Mas agora, Adenaura?

A- Preciso dizer mais verdades... as verdades todas estão vindo a tona.

L- Depois você me conta. (Tenta agarrá-la.)

A- Não se aproxime! Não se aproxime! Eu estou te avisando. (Num rompante.) Eu não tenho vagina!!! É isso!!! Pronto, falei.

L- Você o quê???

A- Foi o que você ouviu. Não tenho vagina. Tirei inteira. Numa cirurgia muito delicada e revolucionária, uma das centenas que eu já fiz, removeram minha genitália de carne e outros órgãos substituindo-os por uma gama de mecanismos cibernéticos. Sim, mecanismos cibernéticos. São eles que me mantém com essa silhueta mesmo aos 78 anos.

L- 78 anos???

A- Tudo bem. 80.

L- 80???????

A- Já que eu tô falando a verdade, eu tenho 82 e mudamos de assunto, está bem?

L- Você tem 82 anos!!!

A- Olha, eu resolvi falar a verdade pra você, mas não vamos fazer disso um banzé no oeste.

L- Como é possível???

A- Comprei. Comprei tudo. A carne apodrece, você sabe. E já que eu não posso viver dentro de um refrigerador, abri mão da carne e dos prazeres que ela proporciona em troca de outros prazeres muito mais sutis. (Orgulhosa.) Eu não vou envelhecer.

L- Você não tem fígado?

A- Não. O fígado eu tirei em 97.

L- Mas então... Pra que você serve então, merda! Pra porra nenhuma!

A- Lobo?

L- Você não serve pra merda nenhuma!

A- Por favor, não fale assim.

L- Nem pra ser comida e nem pra ser comida!

A- Por favor...

L- Não tem sangue! Ou tem?

A (Apontando a própria cabeça, patética.)- Tem um pouco de sangue aqui.

L- Pra que serve uma mulher que não sangra? Pra nada, tá me ouvindo?

A- Eu sinto muito.

L- Mostra! Mentirosa!

A- Não me chama de mentirosa! Se eu tô contando tudo que eu nunca contei pra ninguém! E olha pra mim quando eu falo com você!

L- Ainda por cima velha!!! Velha nojenta embrulhada nesse corpo de mentira!

A- Cala a boca! Eu te proíbo!

L- Me proíbe o quê, sua merda? Você não é nada!

A- Eu não sou uma boceta! Eu tenho cérebro!

L (Aproxima-se dela.)- Escuta aqui. Velha ridícula.

A (Pega o telefone histérica.)- Afaste-se!!! Alô, Venceslau? Venceslau? (Lobo pega nos pulsos de Adenaura e a obriga a largar o aparelho.) Socorro!

L- Você me paga.

A- O quê que eu te fiz?

L- Escuta o que eu tô te dizendo.

A- Tá me machucando!

L- O que você fez... Isso não se faz com ninguém.

A- Eu vou gritar.

L- Grita.

A- O Venceslau vai matar você, seu cretino.

L (Cheira ela por uns instantes. Ela olha para ele aflita.)- Agora você falando, eu percebo. Por baixo desse teu perfume não tem cheiro de nada.

A- O Venceslau me protege.

L- Serve mesmo é pra ficar dentro da tevê. Sem cheiro nem gosto nenhum.

A- Então eu sirvo pra alguma coisa, afinal.

L- Na verdade, eu acho que você tem muitas utilidades e eu não tinha percebido.

A- Eu sirvo pra arrancar seus olhos com as mãos... Os seus olhos... O que aconteceu com os seus olhos? (Lobo a solta e ela se afasta assustadíssima.)

L (Cínico.)- O que foi?

A- São olhos de cachorro.

L- E os seus são de vidro pintado. Somos feitos um para o outro.

A- As suas mãos!

L- Vem aqui com o papai.

A- Afaste-se!

L- Eu gosto de você, sabe? Uma companhia agradável, rica, famosa. Praticamente a esposa perfeita. E esses seus defeitos que assustam um pouco a princípio, também podem vir a ser vantajosos para nós. Não precisa ter medo, se você não tem fígado, não há perigo algum. Podemos até ser um pouco felizes, quem sabe?

A- Não chega perto!

L- Olha aqui. Você vai fazer o que eu mandar, tá me entendendo, Adenaura. Exatamente o que eu mandar.

A- Afaste-se! Por favor!

L- Você é minha.

A- Por favor!

L- Pra fazer o que eu mandar.

A (Num suspiro assustado)- Não! Nunca!

De volta a Vermelha e o Policial-Borboleta. Vermelha veste agora um lindo vestido vermelho.

P- Pronto.

V (Sem ar.)- Meu Deus!

P- Linda agora.

V- É perfeito.

P- As línguas dos machos da cidade grande se desenrolarão aos seus pés. Serão o seu tapete vermelho.

V- Eu procuro um homem, não um macho.

P (Arrumando o vestido.)- Talvez só encontre machos, meu anjo.

V- Você falando assim, parecem animais carnívoros.

P (Ri.)- ...E você a leitoa assada com uma maçã na boca, pronta pra ser servida.

V- Eu não sou uma leitoa. Sou uma mulher.

P- Eu sei, minha querida.

V- E procuro um homem. Um homem de verdade. Não é possível que nessa cidade não haja um homem.

P- Deve ter. Por aí. Sei lá. Quem sou eu pra...

V- Um homem honrado, humano, quem sabe até bonito.

P- Tem muitos machos bonitos que eu já vi. Tem sim.

V- Esse homem do cheiro forte, deve ser um homem honrado pra cheirar tão bem.

P- Vai ver usa o perfume certo.

V- Vai ver é o cheiro que se solta da própria pele dele.

P- Vai ver é o cheiro de muitos machos todos misturados.

V- Vai ver é o seu hálito agradável que me achou tão longe.

P- Vai ver é o cheiro de uma toalha suja.

V- Vai ver sonhou comigo um sonho perfumado.

P- Vai ver tá precisando uma cueca nova.

V- Vai ver tem alguém aqui com inveja.

P- Vai ver esse teu macho cheira a sangue.

V (Assustada.)- Por que você está fazendo isso? Uma fada madrinha não é pra ser grosseira e nem invejosa!

P- Me desculpe! Eu não sei o que me deu.

V- Só sabe dar patada!

P- Um pressentimento ruim. Me desculpe.

V- Me diz que tô fedendo, me arruma toda, e agora isso?

P- Verônica, tenha cuidado, por favor.

V- O meu nome é Vermelha.

P- Deve ter visto muito filme de romance, ou não foi? Mas nem sempre os machos, homens, bem, nem sempre é fácil, como nos filmes, achar um que preste, entende?

V- Eu gosto de filmes de terror, não romance.

P- Apenas tenha cuidado.

V (Impaciente.)- Eu vou ter. Parece minha mãe.

P- Me desculpe se fui um pouco brusco, toda essa sensibilidade ainda é muito nova para mim.

V- Melhor eu ir andando, vai anoitecer.

P- Vai sim. Adeus, Verônica. E lembre-se: Não corras atrás das borboletas, cuida do teu jardim e elas virão até ti. (Sai esvoaçante.)

V- É Vermelha o meu nome.

Adenaura com uma roupa esporte fazendo jogging... Uma voz canastrona em off se dirige a ela.

OFF- Adenaura, como você consegue manter esse corpinho de fazer inveja?

A- É fácil, levo uma vida saudável e só vou a festas e recepções que tenham em seu menu o novíssimo Patê de Fígado Lobo Light!!! (Mostra o produto. Afirmo seriíssima.) Há certas coisas na vida que não podemos abrir mão. Fígado é uma delas. Mas nem por isso precisamos nos transformar numa baleia orca. Patê de Fígado Lobo Light, a solução da mulher chique, moderna e esbelta. Mais um produto Lobo Mau. (Estaca num sorriso artificial, fala com o canto da boca.) Acabou...? Acabou já? (A

luz fica mais suave, acabou a gravação. Adenaura relaxa e fala com um diretor imaginário.) E aí, ficou boa essa? Não quer fazer mais uma tomada? (Lobo aparece.)

L (Mau humorado.)- Vamos embora, querida.

A- Você viu? Será que ficou bom?

L- Ficou Ótimo. Vamos.

A- Gente, muito obrigada. Beijos. Tchau.

L- Vamos logo que tem uns fãs atrapalhando a saída.

A (Com os olhinhos brilhando.)- Fãs???

L- Sem fotos desta vez, Adenaura. (Abrem uma porta imaginária. Ouve-se o som dos gritos de uma legião de fãs como se fosse um estádio de futebol.)

A (Acena.)- Olá!!! Vocês me acharam aqui!!!

L- Quer parar de dar confiança?

A (Flashes são disparados.)- Fotos!!! Fotos!!!

L (Pega ela pelo braço.)- Vem!

A- Só uma, Lobo. Por favor, por favor, por favor!

L (Exausto.)- Puta que pariu... (Adenaura posa para várias fotos.) Pronto. Chega.

A- Só mais uma...

L- Já basta. (Arrasta ela para o helicóptero. Ouve-se a hélice. Eles levantam vôo.)

A (Acenando para baixo.)- Tchau!!! Beijos!!! (Fica tonta com a altura.) Ai, não consigo me acostumar com esse helicóptero.

L- Fica caladinha um pouquinho, fica.

A- Nossa! E tem fãs até o outro quarteirão! Você sente a energia, querido? Tô toda arrepiada!

L- Vamos calar a boquinha um segundo?

A- Todos eles olhando pra mim, gritando o meu nome.

L- O seu nome não é Adenaura.

A- E verdade. Mas eles olhavam pra mim!

L- Olhavam pra esse teu corpo de mentira, pra essas tuas pernas mecânicas.

A- Mas são minhas, eu comprei. (Chegam em casa.) Ah... como é bom chegar em casa depois de um dia de trabalho intenso.

L- Eu vou pro meu quarto.

A- Espera!

L- O que é?

A- Eu tenho uma surpresa.

L- Pra mim?

A- Adivinha. (Entrega uma caixa.)

L- Cheira muito bem.

A- Abre, vai!

L(Abre a caixa. Surpreso.)- Adenaura!

A- Gostou? É o fígado da filha da empregada. Encomendei pra você. Eu já havia notado como você olhava pra ela.

L (Experimentando.)- Tá uma delícia! Que surpresa simpática.

A- E era virgem a garota, um milagre na idade dela, fez doze dia desses.

L- As virgens são uma preciosidade gastronômica cada vez mais rara.

A- Infelizmente perdemos a empregada. Morreu tentando proteger a prole. Um pequeno contratempo a favor de um agrado especial.

L- Querida. Só você pra me tirar do mau humor. (Dão uma bitoca de casal de propaganda de margarina. A campainha toca, os dois se olham desconfiados. Vermelha está do outro lado do palco e toca a campainha de novo.)

A- É a porta...?

L- Você está esperando alguém?

A- Não. Ai meu Deus! Será que descobriram minha casa secreta? Ninguém da imprensa deveria saber desse lugar!

L- Vai ver alguém pedindo pão velho. Onde você guardou a espingarda?

V (Tocando mais uma vez.)- Vovó!!!

L- Vovó? Eu ouvi vovó?

A- Não. Não foi isso.

V- Vovó!!!

L- É vovó!

A- Quem é?

V- Sou eu vovó, Vermelha!

A- Minha neta! É a minha neta na porta.

L- Você tem neta? Puta que pariu!

A- Se esconde. Ela não pode te ver aqui, eu dispenso ela rápido! Cadê minha peruca!!! Já vai minha netinha!!!

L- Que peruca?

A- Ela não sabe que eu sou Adenaura. Quando ela vem, me disfarço. Se esconde logo!

L- Você me paga, Adenaura. (O Lobo se esconde.)

V- Vovó?

A- Já vou abrir meu amor, mais um segundinho! (Já está disfarçada de avó, abre a porta.)

V- Olá!!! Que saudades!!! Como vai a senhora?

A- Vou indo, minha filha. Sabe como é...

V- Que cheiro... é cheiro de homem?

A (A parte.)- Que nariz!!! Puta merda.

V (A parte.)- É o cheiro que procuro! Vem daqui da casa da minha avó! Que estranha coincidência! (Para Adenaura.) Tem alguém aí, vovó?

A- Aqui? Ninguém! Ninguém!

V(Aspirando.)- Que estranho.

A- Tá dando um passeio, minha filhinha?

V- Não. Uma coisa muito grave aconteceu.

A- Ai, minhas costinhas tão doendo tanto. Tem um dia que a gente acorda e percebe que os anos chegaram sem aviso. Mas você ia dizendo, minha netinha?

V- Eu vim o mais rápido que pude. Passei por diversos perigos e inúmeras dificuldades...

A- Tá me dando um soninho. Eu acho que eu vou dar uma cochiladinha. É o crepúsculo da vida chegando, né minha netinha. Você não quer vir fazer essa visitinha mais tarde? Quer um trocadinho para uma pipoca? Um sorvetinho? Vai comer uma pipoca na pracinha, tomar um sunday. Vovó tá cansadinha.

V- Mas vovô! Eu vim morar com você!

A- O QUÊ?!?

V- Trouxe tudo que eu tinha.

A- Como assim? Ficou louca?

V- Vovó, eu...

A (Visivelmente nervosa.)- Mas querida, amorzinho, você tem que morar com a sua mãezinha. É lá que é o seu lugar. Naquela cidadezinha tranqüila, naquela casinha linda que você tem. (Explicativa.) Aqui é a casinha da vovó. E você pode vir me visitar quando quiser como sempre fez. Apesar de tua mãezinha e eu não nos darmos muito bem, eu tenho carinho por ela, eu sei que ela precisa muito de você, do seu carinho, do seu amor...

V- Vovó, escuta. Não quer sentar um pouco?

A- Tô bem de pé, meu docinho de farinha.

V- Mamãe faleceu.

A- Oi?

V- Mamãe faleceu.

A (Perplexa.)- Mas...?

V- Foi hoje de manhã... ela se matou.

(pausa...)

A- HAHHAHAHAHAHAHAHA!!!! (Adenaura tem um ataque de gargalhadas.) Eu esperei tanto por isso!!! Tanto!!! (Como num grito de torcida, aos pulos.) Morreu! Morreu! Antes ela do que eu! (Em seu êxtase, deixa a peruca e o xale caírem, o óculos foi o único apetrecho que restou do disfarce.)

V- Vovó? (Adenaura percebe que se deixou levar pela emoção. Está desorientada.) Pra quê esses seios tão grandes?

A- Grandes? Não. Não são grandes, não. Bondade a sua.

V- Vovó! Pra que essas pernas tão longas?

A- São pra correr melhor, minha netinha.

V- Vovó! Suas mãos! Sua pele! Seu cabelo!

A- Não adianta mais disfarçar. Eu sou Adenaura. Adenaura é a sua avó. (Tira o óculos.)

V- Meu Deus! Meu Deus! Vovó é uma celebridade!

A- Sim.

V- Mas o que aconteceu???

A- Plástica. Lifting. Próteses. Correções. Enfim, não vamos entrar em detalhes.

V- E você escondeu...

A- Não queria que sua mãe soubesse. Sempre teve inveja de mim. Mas agora que morreu...

V- Isso é maravilhoso! É de você que eu nasci e não daquela mulher horrorosa.

A- Como assim?

V- Você é uma mulher linda. Alegre. Você é minha verdadeira mãe. Nós duas somos uma família de verdade, a que morreu era apenas uma estranha.

A- Vermelha...?

V- Vovó! Eu estou tão feliz por você! (Abraça a avó, que está completamente desorientada.)

A- Escuta. Por que você não toma um banho pra tirar a poeira do corpo?

V- E ficou mais alta!

A- São as pernas novas. Vai tomar um banho quente, vai te fazer bem.

V- Eu trouxe uns doces pra você!

A- Eu tô de dieta. Deixa aí em algum canto.

V- Quando te via na tevê, os teus olhos eram tão familiares.

A- Estes não são os olhos de carne que te viram nascer. Nem estes os braços que te pegaram no colo toda coberta de sangue. E a outra me olhava feio quando eu te

ninava. Você fez seis anos e eu fugi. E foi você a única coisa que me fez falta. Tua mãe deixava você vir me visitar apenas uma vez por ano. E agora você veio e descobriu que há tantos anos eu me disfarço, fingindo que ainda era velha, envergonhada de te mostrar no que eu me transformava aos poucos.

V- Eu te amo, vovó.

A- Você me ama...?

V- Mas eu não preciso morar aqui se você não quiser. Eu tenho dinheiro.

A (Emocionada.)- Vai pro banho, mocinha. (Vermelha sai. Adenaura vai buscar Lobo que está escondido.)

L- Já foi embora?

A- Tá tomando um banho.

L- E depois vai embora?

A- Ela quer morar aqui comigo.

L- Como é?

A- A mãe morreu, não tem pra onde ir.

L- Eu vou lá.

A- Espera. O que você vai fazer?

L- O que você acha?

A- O quê...?

L- Matar, porra. Que você quer que eu faça? Ensaboe as costas dela?

A- Não! Por favor! Você não pode matá-la! Ela é a minha neta!

L- Que charme é esse agora, Adenaura?

A- Ela é do meu sangue.

L- E você tem sangue, por acaso?

A- Ela não... por favor....

L- Não estou te reconhecendo.

A- Eu mando ela embora, pronto.

L- E a senhora acha que vai demorar quanto tempo pra encontrarem a mocinha caipira? Quantos dias pra sair na capa de alguma revista de fofoca que a neta perdida de Adenaura surgiu do passado, revelando a verdadeira identidade da misteriosa apresentadora. Ela, famosa, jovem, vai que até atriz de novela ela não vira. E você, desmascarada, uma velhota inútil.

A- Fala baixo! Ela vai escutar a tua voz!

L- E se te descobrem, aí que vai ser engraçado! Descubrem também as duas filhas que você matou pra fazer plástica com o dinheiro do seguro. Você, destruída, e a caipira toma o seu lugar.

A- Cala a boca!

L- Quem sabe eu não acabo me casando com ela depois da sua queda?

A- Eu não quero mais ouvir.

L- Mata a desgraçada, Adenaura! É assim que tem que ser! O mais forte prevalece!

A- Eu não posso!

L- Eu mato, meu amor. Fica aqui no teu cantinho que eu cuido do problema. Daqui a meia hora você nem vai lembrar que já teve uma neta.

A- Não. Eu vou me lembrar.

L- Vai nada. Faz umas compras, janta hoje num bom restaurante. Ou então umas férias em Cancun? Que tal?

A- Ela sempre me trouxe doces. Sempre querida comigo.

L- Vamos juntos a Cancun depois de amanhã! Eu vou contigo.

A(Arrasada.)- Então mata. Pronto.

Foco em Vermelha tomando banho. Ela conversa com o público.

V- Sempre que tomava banho na minha antiga casa, era como se estivesse num filme de terror. Como se a qualquer momento fosse entrar um assassino com uma serra elétrica. Mas aqui não. Aqui me sinto tranqüila. Sei que o homem que procuro está por perto. Uma nova vida começa para mim com este banho. O suor do passado escorre pelo ralo. As lembranças da minha mãe, o seu rosto, também escorrem pelo ralo. Foram-se. Já nem me lembro mais da cara dela. Este é o banho para uma nova vida.

Lobo aparece segurando uma enorme faca de cozinha e disfarçado de vovó alá psicose, Vai na direção de Vermelha e a surpreende abrindo a cortina de plástico do chuveiro.

V- Vovó...?

Lobo dá três facadas em Vermelha que, cambaleante, se segura à cortina de plástico e cai no chão. Adenaura aparece e segura a mão com a faca de Lobo.

A- Ela é a minha neta!!! Larga a minha neta!!! Você a matou!!!

L- Pra mim chega!

Lobo dá uma facada na barriga de Adenaura e tira a faca. Ela se assusta a princípio mas não sofre nada. Lobo tenta de novo. Adenaura permanece na mesma. Mais uma facada. Adenaura ri.

A- Há! Ridículo!

Lobo pega um revólver e dá vários tiros na direção e Adenaura que apenas cambaleia e ri.

A- Ai! Eu estou com uma coceirinha aqui nas costas! Mais pra cima! Mais pra cima! Aí! Obrigada! Hahahahaha!!! (Dança na frente da arma.) Atira! Atira em mim!!!

Lobo revoltado avança na direção e Adenaura e a pega pelo pescoço.

L (Desesperado.)- Quer fazer o favor de morrer?

A (Rindo.)- Mas meu amor, que grosseria!

Os dois lutam e saem de cena. Do outro lado, Vermelha levanta-se devagar.

V- AAARGH!!! Tô toda arranhada! Que merda!!! Ela acha que pode fazer isso só porque ficou famosa!!! Tá muito enganada! (Vê a arma que Lobo deixou ali por perto. Pega a arma e se enrola na cortina plástica. O Lobo entra em seguida, não está mais disfarçado de vovó. Quando se olham, música de grande encontro romântico. Vermelha sente o cheiro dele.)

L- Oi.

V- Oi. Quem é você. Onde está a minha avó?

L- Tá ali no armário.

V- Muito bem.

L- O que foi?

V- Olha só o que ela fez! (Mostra os arranhões.) Olha aqui! Isso não se faz! Se ela quisesse que eu fosse embora era só falar. Mostra! Eu pensei que a minha avó fosse diferente mas não, é a mesma coisa com ela, com a que morreu, com todas. Todas me odeiam! Pois eu odeio todas também! São todas minhas inimigas. Essa aí fez meia dúzia de plásticas e acha que pode ir entrando assim no banheiro com uma faca de cozinha pra me cortar só porque tá na casa dela e acha que vai ficar assim? Ela vai ver só! Eu sou mais bonita, minha filha! Eu sou jovem! Ainda tenho muito o que viver.

L- Não precisa ficar tão nervosa.

V- Eu quero ir embora daqui. Cadê as minhas coisas? Eu tô toda sangrando! Aqui não fico nem mais um minuto. Eu sou a única herdeira, sua escrota! Tudo isso aqui é meu! Eu sei dos meus direitos! E se disfarçou de velhota achando que eu vinha aqui pedir o quê? Dinheiro? Eu tenho dinheiro, querida! Muito! A minha mãe me deixou! Das tuas mãos eu não quero nada! E é melhor a senhora gastar tudo o que tem, por que assim que você morrer, sua velha louca, eu volto e é tudo meu, tá me ouvindo?

L- Ela não vai mais nos incomodar.

V- Como assim. Cadê ela?

L- No armário, já disse.

V- Você a prendeu?

L- Digamos que sim.

V- Que mocréia! Nunca pensei.

L- Você é tão bonita.

V- Oi???

L- Eu disse: Você é tão bonita. Não tinha notado.

V- Er... puxa! Quer dizer... obrigada. E você tem um cheiro ótimo!

L- Você é a neta da Adenaura...?

V- E você, quem é? (Reconhece.) Meu deus! Você é o Lobo Mau!

L- Sou eu.

V- Nossa. É verdade! Você é o marido da minha avó. Eu vi o casamento de vocês na televisão.

L- Nós brigamos feio.

V- Ah é?

L- Não estamos mais juntos.

V- Sei.

L- Por que você não chega mais perto?

V- Eu até que gostaria mas acho melhor não. Eu vou embora.

L- Não! Fique. Você já chegou até aqui. E é perigoso sair sozinha a essa hora da noite.

V- Onde está o meu vestido...?

L- Mas você está linda assim!

V (Envergonhada.)- Obrigada!

L- Você ficou vermelha!

V (Ri.)- Não fiquei não, seu bobo!

L- Você aceita um drink...?

V- ...Um drink?

L- Ou quem sabe um jantar? (Vai se aproximando...)

V (Meio hipnotizada.)- Você é tão educado. E o seu perfume me deixa tonta. (pega ela nos braços, vão se beijar... De repente ela acorda.) Mas espera!

L- Espera?

V- Tenho que resolver esse pendenga com a minha avó primeiro.

L- Esquece a sua vó. Ela já era.

V- Ela me lanhou inteira! Preciso saber porquê!

L- Não foi ela. Fui eu.

V- Você???

L- Nunca fui muito bom com facas, mas era uma fantasia antiga.

V- Foi você. Então vovó é inocente?

L- Sua avó está longe de ser inocente. Aliás, Foi ela que me pediu pra te matar.

V- Fique longe de mim ou eu atiro!

L- Vai dizer que não gostou?

V- Não se aproxime!

L- Eu sei que gostou!

V- Eu quero que um homem me ame, não que me machuque!

L- É o que todas dizem no começo.

V- Eu vou atirar!

L- Você é tão corada, tão cheia de sangue. Eu posso te amar se eu quiser. (Pula na direção dela. Se agarram. Ele arranca a arma das mãos dela.)

V- Socorro!!! Socorro!!!

O Policial-Borboleta aparece de arma em punho.

P- Pare onde está!!!

V- Fada-Madrinha!!!

L- Larga a arma ou eu mordo a garganta!

P- Afaste-se da menina! Eu estou mandando!

V- Que bom! Sabe engrossar a voz quando lhe convém!

L- Se você não sumir daqui, eu vou te comer depois dela!!!

P- Como é??? Você diz que me come?

L- Eu te como.

P- Você me come...?

L- Como.

P- Você... me come?

L- Quer apostar?

P- Não, meu querido, a mim você não come. (Atira. O Lobo cai estatelado.)

V- Obrigada! Obrigada!

P- Tive uma visão e vim o mais rápido que pude. Esse meu lado mediúnico esta cada vez mais desenvolvido.

V- Como eu posso te agradecer?

P- Tome mais cuidado da próxima vez. Não saia desesperada por aí atrás de cheiro de macho que isso só pode dar encrenca.

V- É verdade.

P- Acho que agora estamos quites.

V- Será que algum dia conseguirei encontrar algum homem que preste?

P- Espere! Espere! Eu estou vendo! Eu vejo!!! Você se casará três vezes, os três de péssimo caráter. O primeiro te dará dois filhos, te trocará por uma japonesa safada e nunca vai pagar a pensão alimentícia no dia certo. O segundo vai te trair toda semana com uma mulher diferente. O terceiro, além de meio burrinho, vai sofrer de esclerose precoce.

V- Que horror!!!

P- Teus filhos serão queridos, a menina se descobrirá lésbica e vai morar com a esposa no Himalaia. O rapaz terá alguns problemas com heroína que serão rapidamente resolvidos quando se apaixonar por uma menina caretíssima que vai te odiar o resto da vida. Então aos setenta e cinco anos, livre dos filhos e dos relacionamentos mal sucedidos, você irá a um baile da terceira idade e terá a noite mais feliz da sua vida.

V- Ah é?

P- Bem, você morrerá no dia seguinte, mas pelo menos vai morrer feliz.

V- Nossa.

P- Eu tenho que ir, ainda tenho que descobrir se Deus existe ou não. Um beijo. Se cuida, heim! (Sai esvoaçante.)

V- Mas espera! A gente vai se ver de novo? Foi-se.

Ouve-se a voz abafada de Adenaura

A- Alguém por favor!!! (Vermelha abre um armário e dá de cara com a cabeça e Adenaura.)

V- Vovó???

A- Me mata pelo amor de Deus! Eu não consigo morrer!

V- O que aconteceu?

A- Ele fez essa coisa horrível comigo. Cortou minha cabeça fora! Faz um favor pra vovó, meu anjinho, mata a cabeça a vovó, mata!

V- Não posso!

A- Pode sim, querida. Me pega e me bota no liquidificador, no microondas, sei lá, usa a imaginação. Assim eu não posso ficar!

V- Eu não vou te matar, eu não sou uma assassina como a senhora.

A- Todo mundo pode matar, meu amorzinho. É só querer.

V- Acho que eu prefiro deixar a senhora aí guardada.

A- Como???

V- Se eu precisar de um conselho ou de uma receita de bolo, é só abrir o armário! É muito prático!

A- Você não pode fazer isso! Eu vou te destruir sua fedelha! Eu tenho poderes pra isso! Eu sou Adenaura! A mulher mais querida do Brasil!!!

V- Boa noite, vovó. Tchau. (Fecha o armário.)

A- Nãããããããããã!!!

V (Muito calma.)- Pronto. Sozinha. Órfã. Sozinha, rica e feliz. Ainda virgem, porém feliz. Sabendo do meu destino, mas com meu coração cheio de esperança. E apesar das maldições da minha mãe, viva. Eu estou viva. Nasci de novo no chuveiro. Minha vida começa agora. (A porta do armário se abre sozinha.)

A- Amorzinho, eu não vi muitos filmes de terror, eu particularmente prefiro western, mas pra matar um lobo não é preciso uma bala de prata??? Hahaha!!!

Música macabra de filme de terror. Atrás de Vermelha surge a silhueta do Lobo com suas garras pronto para atacá-la. Vermelha olha assustada para a platéia. Adenaurari histericamente. Trevas

FIM